



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—*Macliel Barbosa*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone, 737

Marselhesa de ontem,

Marselhesa de hoje

«O moral das tropas é excelente» anunciam as notícias oficiais de cada país beligerante.

E os soldados marcham, mais ou menos embriagados pelo alcool das excitações guerreiras e patrióticas, mais ou menos violentados...

Em França, ao lado desses, marcham aqueles a quem serve de estímulo, não a ideia de defender uma «pátria» que pertence a poucos, mas o sincero desejo de esmagar o imperialismo germânico e de salvaguardar a sementeira do futuro...

E de novo as palavras famosas da *Marselhesa* são entoadas com convicção...

Ai! a Marselhesa envelheceu bem!

Os *sans-culottes* que a entoaram pela primeira vez e que venceram em Valmy e Jemmapes, os soldados inflamados do primeiro exército de Sambre-et-Meuse e do exército do Reno, esses tinham abolido os últimos direitos feudais, abatido o clero e a nobreza, tornado a terra mais acessível, rasgado novos horizontes, entrevisto novas esperanças.

Mas hoje?

Hoje, os novos cantores da Marselhesa oficializada, os combatentes do novo exército de Sambre-et-Meuse, deixaram atrás de si, de pé, a feudalidade capitalista e financeira e o Estado centralizado que a mantém e que sufoca as iniciativas.

Amanhã esses soldados, como os do exército inimigo, voltarão para debaixo do jugo patronal, para a escravidão do salariato, virão de novo suar sobre as terras pertencentes aos senhores ou sujeitas ao peso do fisco do Estado.

Ah! se o povo tivesse começado por destruir o feudalismo burguês, pôr em comum o solo e os meios de produzir, instaurar a Comuna livre!...

Com que ardor, com que entusiasmo, com que delírio não correriam os homens livres ao encontro dos bárbaros que ousassem pisar o terreno sagrado da Revolução!

Então, sim, vibraria uma nova Marselhesa, ardente, impetuosa, regenerada!

«Que quer essa orda de escravos, de traidores, de reis conjurados?»

«Para quem essas peias ignóbeis, esses ferros há tanto tempo preparados?»

«Homens livres, para nós! Ah! que ultraje! que transportes êle não deve excitar!»

«Somos nós quem êles ousam meditar reconduzir à antiga escravidão!»

«Homens livres, como guerreiros magnânimos, vibraí ou retende os vossos golpes; poupai essas tristes vítimas, que a seu pesar se armam contra nós! Mas êsses déspotas sanguinários...»

Mas êsses rapinantes da finança e da especulação, êsses abutres das penitências industriais, êsses tigras da tirania e das chacinhas merecem a vossa cólera implacável: combatei-lhes a raça malfazeja!

Quando entoarão os povos essa nova Marselhesa?

Notas Rubras

Em torno duma guerra

Eu nem quero fazer uma ideia clara de que seja essa estúpida e selvática luta—a guerra europeia.

E como eu ha de haver muita gente que não se atreve a raciocinar profundamente ao ler esses trágicos telegramas que nos anunciam o assassinato de centenas, de milhares de homens no campo de batalha. Seria horrível para todo aquele que possui um cérebro instruído e um coração bem formado dar-se ao mau gosto de pensar nos horrores, nas tragédias que essas reduzidas linhas das notícias do teatro da guerra nos desvendam, anunciando-nos cambaléscas pejejas, onde dezenas e dezenas de milhares de seres humanos perdem a vida ou ficam pelo chão esvaindo-se em sangue.

E tudo isto porquê? Porque alguns doidos e alguns argentarios, uns imbuidos de odios e delírios de mando, outros obcecados por vis ambições, impeliram esses ignorantes soldados a assassinar-se bestialmente, sem que propriamente entre eles houvesse qualquer ressentimento, qualquer agravo...

E para comprovar esta afirmação bastaria ler o que a *Aurora* publicou no seu n.º correspondente a 9 de Agosto p. p. sobre o caso dum pai alemão e dum seu filho naturalizado francez terem de ingressar nas fileiras dos exercitos dos seus respectivos paizes, ficando sendo, por conseguinte, inimigos fiados, prontos a assassinar-se impiedosamente no primeiro recontro das tropas das duas nações—e a seguinte informação transcrita dum jornal diário desta cidade:

«Ha trinta anos, uma senhora portugueza casou com um alemão; viuvo dele ao fim dum ano de casamento, tendo um filho. Passados dois anos de viuva casou com um francez de quem teve tambem um filho, rapaz hoje de vinte e quatro anos; o filho do alemão tem vinte e nove. Cada um dos filhos, seguiu a nacionalidade dos respectivos pais; um, é cidadão francez, e outro subdito alemão. Os dois irmãos são amicissimos: a mãe quer-lhes, a ambos, com apaixonado amor. Rebenta a guerra: e os dois são intimados a partir! Saíram no mesmo dia: um, a combater pela França, outro, a combater pela Alemanha. Imagine-se o que seria o abraço derradeiro dos dois, e o que teria de saudade, de desespero, de dor, o coração da pobre mãe!»

E, como este, quantos e quantos episódios lancinantes se tem dado nessa fratricida luta que domina actualmente uma grande parte da população da Europa?

Ah! O homem é bem um animal mais selvagem do que os chamados animais ferozes, como o tigre, o leão, etc., apesar de se inculcar um ser perfeito e civilizado.

Toda a hediondez dos seus instintos se revela nessas degladições brutais.

Chega a causar desânimo e pavor a constatação do estado de barbarie em que a raça humana ainda se encontra. Os sonhos de fraternidade humana apresentam-se, presentemente como um terrível pesadelo.

Oxalá que a organização revolucionaria pudesse, ao menos, tirar algum proveito dessa formidável carnificina!...

C. Rodrigues.

A CONFLAGRAÇÃO

A imprensa e os governantes

desnorteiam a opinião publica

Por entre o desenrolar rápido de acontecimentos para muitos inesperados, através da confusão propositadamente estabelecida pela imprensa de negócio, é realmente difícil vêr claro, ter uma opinião sensata e documentada sobre o que se está passando, ainda mesmo para aqueles que tenham já uma consciencia formada e que estejam acostumados a desconfiar das informações oficiais.

Para compreender qualquer fenómeno social é necessario conhecer as suas verdadeiras causas.

Ora sucede que com a conflagração europeia, como de resto com todas as guerras, quasi ninguém conhece senão as causas officiais aquelas que os governantes apresentam, e a que a grande imprensa dá curso, como justificação dos seus actos.

Quanto ás outras, as verdadeiras causas destas espantosas hecatombes, elles occultam-nas o mais que podem, porque ellas são tão infames, tão alheias aos interesses do povo que este sabendo-as se negaria decerto a pegar em armas para ir assassinar criaturas que nenhum mal lhe fizeram e que são tambem vítimas das mesmas mentiras e intrujices por parte dos seus governantes.

Nós é que não temos interesse algum em occultar os motivos reais de toda esta carnificina. É bom que ao menos todos saibam porquê e por quem é que vão dar as suas vidas e pensem primeiro se lhes vale a pena ir.

A luta dos caixeiros-viajantes

A guerra que actualmente assola por assim dizer a Europa inteira não é senão o resultado lógico da luta de ha muito travada entre os capitalistas e os industriais dos diferentes paizes, e mais especialmente entre a industria ingleza e a industria alemã.

Foi depois da vitória sobre a França em 1870 que a Alemanha começou a desenvolver com assombrosa rapidez a sua grande industria. E nos mercados internacionais onde até ali reinavam absolutamente os produtos inglezes começaram a penetrar pouco a pouco os objectos manufacturados na Alemanha, de tal modo que dentro em pouco um verdadeiro pânico se apoderou dos industriais inglezes.

Para se desembaraçarem um pouco desta terrível concorrência fizeram os industriais britânicos com que o parlamento aprovasse uma lei segundo a qual era interdita a entrada nos mercados inglezes aos produtos alemães que não trouxessem a seguinte marca—*Mad in Germany* (feito na Alemanha).

E quando eles esperavam obter assim o esmagamento da industria alemã verificaram com espanto que o resultado fóra precisamente o contrario—um reclame aos produtos alemães.

Os alemães invadiam comercialmente o mundo inteiro e sobretudo nos paizes industrialmente atrasados (Russia, Turquia, etc.) causavam sérios prejuizos á Inglaterra.

Emprestimos, construções de caminhos de ferro e todos esses chorudos negocios de que os capitalistas inglezes possuíam, por assim dizer, o monopólio eram agora compartilhados pelos financeiros germanicos.

Era a luta encarniçada dos caixeiros viajantes e dos consules e ministros dos estrangeiros, uns e outros representantes e defensores dos interesses dos capitalistas e industriais dos seus respectivos paizes.

xeiros viajantes e dos consules e ministros dos estrangeiros, uns e outros representantes e defensores dos interesses dos capitalistas e industriais dos seus respectivos paizes.

A diplomacia e o canhão

A breve trecho compreendeu a Inglaterra que para bater a sua inimiga, sob o ponto de vista industrial, era necessario primeiramente esmagá-la politica e militarmente. Se a marinha inglesa continuasse a ser onipotente os industriais britânicos podiam dormir tranquilos porque os seus produtos continuariam, a bem ou a mal, a ser preferidos aos alemães. Toda a gente sabe que hoje os mercados comerciais se conquistam pela força; foi assim que a Itália, por exemplo ainda ha bem pouco tempo invadiu a Tripolitana para impor af os produtos das suas industrias por meio de taxas aduaneiras protectoras.

Pois bem: uma vez que os produtos inglezes pelos processos normais de commerciar, não conseguissem triunfar dos produtos alemães era necessario faze-los triunfar pela força, impondo aos paizes industrialmente atrasados tarifas protectoras para os géneros inglezes.

E a politica externa da Inglaterra teve, desde então, inalteravelmente como mira a Alemanha; era necessario, por um lado, que a esquadra britânica fosse suficientemente forte para poder paralisar, num dado momento, todo o comércio externo alemão; e por outro lado isolar a Alemanha no mundo atraindo para o lado da Inglaterra todas as outras potencias. Convinha aos capitalistas inglezes que as condições de inferioridade da Alemanha fossem tais que ella nem ao menos se aventurasse á guerra.

Foi nesta orientação que a Inglaterra procurou o apoio da França em troca de concessões importantes aos capitalistas deste país; os financeiros e industriais francezes explorariam e roubariam Marrocos sem que a Inglaterra os incomodasse, contanto que, no caso duma guerra com a Alemanha, o exercito francez se collocasse ao lado das tropas britânicas.

Nesta mesma ordem de ideias atraiu a Russia a troco de concessões de zonas de influencia na Asia.

E foi ainda com o mesmo fim que se procurou, e se conseguiu pelo menos em parte, desligar a Itália da Triplice Aliança.

É claro que na Alemanha se compreendeu immediatamente esta politica e se procurou em vão resistir-lhe. Se a guerra não estalasse agora a Alemanha seria esmagada industrialmente, mesmo sem combater, porque o cerco que lhe fazia a sua rival era cada vez mais apertado e as forças sitiadas cada vez maiores.

A guerra era pois para os capitalistas e industriais germanicos a unica probabilidade de vitória. E foi por isso que a Alemanha se não poupou aos maiores sacrificios para ter um exercito e uma marinha formidaveis que, de per si só, contra uma provavel coligação anglo-franco-russa podesse vencer.

E nós?

Pelo que acabamos de expor, muito superficialmente pois que o assunto é vastissimo e nós dispomos de pouco espaço, vê-se que

foi a alta finança quem criou esta situação da qual havia de resultar inevitavelmente a guerra.

A paz armada, esse estado de perpétua luta que esgotava todas as nossas energias mesmo em tempo de paz, e que é obra essencialmente da finança internacional, teve como consequencia lógica a guerra actual. Era logico, era inevitavel.

Com a paz armada eram eles que ganhavam, os fornecedores do exercito e da marinha, os fabricantes de espingardas, canhões, navios de guerra, e aqueles que emprestavam dinheiro aos estados para se armarem até aos dentes. E eramos nós que perdíamos, porque eramos nós que pagávamos.

Pois bem; agora que se desencadeou a grande tempestade de ha tanto tempo suspensa sobre as nossas cabeças, serão eles ainda, uns ou outros, que tem probabilidade de ganhar porque a luta está travada entre os seus interesses. Os que ganharem realizarão lucros fabulosos e os que perderem não perderão grande coisa... porque pouco arriscam e esse pouco arriscam-no pelos seus interesses.

Ao passo que nós, os trabalhadores, que arriscamos tudo, porque arriscamos a vida, temos desde já a certeza de que havemos de perder sempre quer ganhem os alemães quer ganhem os inglezes. A horrorosa crise de trabalho que se ha-de seguir por toda a parte á guerra far-se-ha sentir sobre nós, os trabalhadores, e sobre as classes médias.

Seremos nós que suportaremos o peso da conflagração, com xianxe, depois de termos dado tudo, depois de tudo termos arriscado. A não ser que nos resolvamos a pôr cobro a isto... porque tudo está na nossa mão.

AOS GRUPOS

A comissão que tem a seu cargo angariar donativos destinados a extinguir o deficit de *A Aurora*, pede urgentemente a todos os grupos, tanto do Porto como doutras localidades, para enviarem á redacção deste jornal, a direcção das suas sedes, afim de lhes ser transmitido um assunto da grande importancia. Os grupos do Porto e arredores devem enviar tambem a hora exacta das suas reuniões.

AUXILIO A' "AURORA."

O grupo *Emancipação Humana*, de Sacavem, enviou-nos, nesta semana, a quantia de \$50 para abater o deficit do jornal. Tambem a Federação Anarquista da Região do Norte, nos entregou 1520, produto duma subscrição tirada na reunião de domingo e ao mesmo fim destinada. A'queles que nestes momentos criticos e dificeis nos prestam o seu valiosissimo auxilio, os nossos sinceros agradecimentos, esperando nós que os restantes grupos e camaradas ponderando a situação difficilima que atravessamos, nos auxiliem com o que puderem, afim de bem nos desempenharmos da missão a que nos impusemos.—*A administração*

Federação Anarquista da Região do Norte

Para a continuação dos trabalhos da reunião do domingo passado, convidam-se os camaradas a reunirem, hoje, pelas 16 horas. O local de partida é da Rotunda da Boa-Vista